

Gramsci e Pareto: ciência, história e revolução

LUCIANA ALIAGA

Curitiba: Appris, 2017. 268p.

*Marcos Del Roio**

Com apenas um olhar descuidado, o apreciador de bons livros pode estranhar um volume que traz na capa e no conteúdo, juntos, autores tão díspares como Antonio Gramsci e Vilfredo Pareto, insígnies autores identificados, um com o marxismo historicista e outro com o positivismo sociológico. Acontece que Luciana Aliaga encontrou um nexos entre esses dois importantes intelectuais italianos da primeira metade do século XX: ambos foram intérpretes influentes de como se realizou a unificação territorial da Itália e, assim, influenciaram a luta ideológica de classes no seu tempo e além.

Aliaga mostra como cada um desses autores fala de um lugar bem determinado: Gramsci, do ponto de vista das classes subalternas, que desejariam superar essa condição a fim de se tornarem dirigentes de um novo bloco histórico; Pareto, do ponto de vista dos interesses das classes dirigentes e dominantes que gostariam de fazer eterna essa condição. Desde logo se percebe que as formulações científicas desses autores, a propósito do objeto focado, são necessariamente ideológicas.

Mas há uma diferença essencial entre as duas concepções. Aliaga indica com clareza como a palavra ideologia tem significados diferentes para esses autores. Gramsci reconhece que toda ciência é ideológica, pois que o conhecimento

* Professor Titular de Ciência Política da Unesp/Marília. E-mail: delroio@terra.com.br

científico está embebido de subjetividade, de uma concepção de mundo, de uma filosofia, de uma historicidade, enfim. Pareto, por sua vez, encontra-se no universo do positivismo e defende que ciência e ideologia devem ser vistas como coisas separadas e que o paradigma científico é oferecido pelas ciências da natureza, com muita pesquisa empírica. Essa diferença permite que Gramsci fale a partir dos interesses históricos das classes subalternas e conceba uma alternativa histórica decisiva e necessariamente revolucionária. A dialética possibilita, segundo Gramsci, a apreensão da realidade em movimento e em devir, assim como possibilita o entendimento da relação entre ciência e ideologia. A concepção dialética de Gramsci é mais apropriada para compreender e criticar a visão de mundo e de ciência de Pareto do que o contrário, por conta precisamente da diferença de lugar dos quais os dois autores falam.

Ambos têm, contudo, sempre na leitura de Aliaga, um comum ponto de partida para diferentes pontos de vista sobre a ciência política e sobre a formação do Estado italiano, que é a obra de Maquiavel, cujo marca distintiva é o realismo. Pareto absorveu de Maquiavel a leitura sobre a “natureza humana” egoísta e mesquinha e a necessidade de haver um governo capaz de garantir uma vida social equilibrada e estável pelo máximo de tempo, ainda que ciente de que os conflitos entre os homens fariam surgir instabilidades mais ou menos graves ao ponto da anarquia. Com base nessa leitura de Maquiavel é que Pareto afirma a incontornável necessidade da existência de governantes e governados na vida civil.

A sociabilidade, para Pareto, assim como para Maquiavel, parte do indivíduo, de suas capacidades e desejos. Alguns indivíduos são melhores que outros em qualquer que seja a ação social, de modo que há a tendência a se formar elites em todas as dimensões da vida. O mais importante, porém, é a existência de uma elite de governo. Elite entendida como os escolhidos, os eleitos por conta de suas capacidades individuais, uma aristocracia, um governo dos melhores filtrados na vida social e não definidos por herança familiar nobiliárquica.

A sociologia de Pareto investe na continuidade da classe dirigente, na sua capacidade de adaptação e reciclagem. O uso da noção de classe política tem um significado claro e forte: a direção, a luta, o conflito político está restrito a grupos de elite. Pode ser um conflito interno, a elite governante pode ser uma disputa entre a elite existente e outra elite emergente. Caso a elite dirigente demonstre não ter capacidade para se adaptar e se reciclar frente à mudança social e as demandas dos governados, corre sério risco de ser substituída por outra elite. Esse era um aviso que Pareto enviava às classes dirigentes de Itália e Europa diante de emergência do movimento socialista.

Aliaga, autora desse livro de apresentação de tão rigorosa pesquisa, não deixa de inserir Vilfredo Pareto numa vertente teórica que floresceu e incidiu na vida política e intelectual da Itália, que orientou ideologicamente a classe dominante italiana e que ficou identificada como teoria das elites. Pareto tem a particularidade de seu pensamento deslindada dentro dessa corrente que inclui autores importantes

como Gaetano Mosca e Robert Michels, unificados no intento de oferecer uma compreensão da vida social que preservasse as classes dominantes e oferecesse um arsenal para confrontar o marxismo.

Aliaga aprofunda o seu argumento ao enfatizar como Gramsci tem em Pareto um de seus interlocutores na crítica que desenvolve contra o universo ideológico da burguesia e que se estende às ideologias que refletem essas ideologias nas classes subalternas, entre as quais adquirem feição própria, mas contribuem para preservar a situação de subalternidade. Na análise política e na formulação do que seria a ciência política, Gramsci também toma o realismo de Maquiavel como ponto de partida. De fato, a realidade efetiva das coisas deve ser o cerne do conhecimento científico. Mas enquanto para Pareto é de se lamentar que a subjetividade (individual) interfira tanto no conhecimento científico e naquilo que deveria ser o desejável equilíbrio da vida social, Gramsci valoriza muitíssimo o papel da subjetividade porquanto só uma vontade coletiva organizada pode erigir um novo Estado, mas uma vontade que saiba conduzir o movimento do real.

Aliaga se mostra fiel à concepção ideológica e científica de Gramsci ao assumir nitidamente a posição do autor sardo. Gramsci parte de necessidade de se construir uma nova ordem, de derrubar o poder burguês, de derrocar a “elite”, a classe dirigente e fazer com que das classes subalternas surja uma nova sociabilidade que inviabilize a cristalização de outra “elite”. Gramsci ataca no campo do adversário intelectual e inimigo de classe: enquanto Pareto (e muitos outros) entendem que a existência de elites e de uma elite governamental seja algo da natureza da vida social humana, Gramsci nega que a existência de dirigentes e dirigidos, de dominantes e dominados, seja da natureza das coisas humanas. A rigor, também ao contrário de Pareto, entende Gramsci que as ciências da natureza e as ciências da cultura se encontram em planos diferentes. Em assim sendo, é possível perceber que a política – enquanto arte da condução da vida social exclusiva de uma classe – teve uma origem e poderá ter um fim, da mesma forma que a ciência política.

Para que ocorra o fim dessa cisão nas relações sociais, será preciso que as classes subalternas gerem intelectuais – na verdade, um intelectual coletivo orgânico à classe do trabalho e que se difunda esse projeto de superação, como antes concebido por Marx. Missão muito difícil essa, considerando que o complexo ideológico burguês, que sedimenta o seu domínio de classe, incide também no território das mais avançadas concepções teóricas que se postam na perspectiva do trabalho. Até por isso é que Gramsci trava batalha também contra as incrustações positivistas no seio do marxismo, elegendo como adversário o prestigioso dirigente do Partido Comunista russo, Nikolai Bukharin, em cujos escritos se nota uma vulgarização do pensamento referido a Marx e Lênin, tal a acostá-lo ao positivismo. Percebe-se então como é enorme a quantidade de problemas encarados por Luciana Aliaga nesse livro, sem que em nenhum momento se renda a superficialidade. O resultado é certa aridez em algumas passagens, mas é essa mesma a condição para o conhecimento científico responsável.